

SONETOS

DE

ANTONIO JOAQUIM D'ABREU,

SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS,

OFFERECIDOS AOS

ENCOMIASTAS DO SEU ESTRO.

Não vos inspire, ó Versos, cobardia
Da Satyra mordaz o furor louco,
Da maldizente voz a tyrannia.

Bocag. Tom. 1.º Son. 2.º



LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

1815.

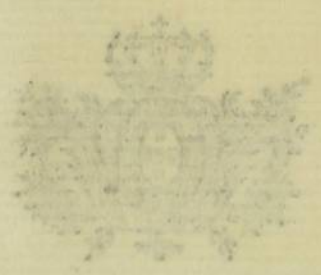
Com Licença.

SONETOS
DE
ANTONIO JOAQUIM BARREU,
SOBRE DIVERSOS ASSUNTOS.

*Qui scribit, laudatur ab his, culpatur ab illis,
Lectoris vultu statque, ceditque sui.*

Oven. Epigr. 233.

Deo vos inspire, o Virtus, coborata
De salvis moribus o fuit bonum
De malis moribus vos a peccatis
Hicq. Tom. I. pag. 2.



LISBOA:
NA IMPRESSO REGIA.

1818
Com. Impres.

ADVETERNCIA.

CEBENDO aos rogos de algumas pessoas, de quem fórmo algum conceito, público o meu primeiro Folheto de versos; e continuarei em vulgarisar os que fico apromptando, se o Público acolher com bom animo os fructos desta minha applicação.

A DOUTOR N. CIA.

Quando nos fogos de algumas pes-
 soas, de quem tômo alguns conceito,
 publico o meu principio: fôto de ver-
 sos; e continuei em vulgarisar os que
 não se comprando, se o publico acobert
 com bom senso os factos desta minha
 applicação.

A' Partida de SUA ALTEZA REAL.

S O N E T O.

DE Lysia bella o Principe Reinante
 Corta em ligeira não o pego undoso,
 Da Patria deixa o Reino precioso,
 Menoscabando o Córsego insultante:

Não quiz á testa do seu Povo amante
 Resistir ao Tyranno insidioso,
 Nem verter sobre a Terra piedoso,
 Alheio sangue em lance debellante:

Na finda Zona d'alto Capro adusto
 Vai plantar novo Throno, novo Imperio,
 Que ao Mundo causará terror, e susto:

Extras Nações verão firme podério,
 Verão Esquadras de João Augusto
 Arrazar França em gelido Hemisferio.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Cactano Pinto de
 Miranda Monte-Negro, Governador, e
 Capitão General de Pernam-
 buco, etc.

S O N E T O.

ERGUEI, Pernambucanos venturosos,
 Corpo de jaspe dórico, e rotundo,
 E em cima o Nome do Varão facundo,
 Gravai em caracteres preciosos:

Alli de Pinto os feitos portentosos,
 Que admirado tem já o novo Mundo,
 Em rasgo de buril lato, e profundo
 Passem além dos seculos idosos:

A paz, justiça, o scypho de Amaltheia
 Que hoje vos offerece o Herce preclaro,
 Inscriptas fiquem na dealbada vera:

Então o Peregrino em lavor raro,
 Detendo os passos, curioso leia
 Dignas acções do General mais caro.

Ao mesmo Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

Tu, Peregrino, alegre Passageiro,
Que vez de bronze o venerando Busto,
Detem os passos, não te infunda susto.
Esse do Povo Chefe, Heroe inteiro:

Admira bem de perto o Mensageiro
Do Alto Principe Dom João Augusto,
Que por nobres acções, e peito justo,
Pomposas honras tem de Conselheiro:

Do maior General vê a Memoria,
Que a Patria honrará, e o Luso Imperio
Nos fastos immortaes de larga Historia:

E já que correr vás o Corpo-espherio,
Do Grande Monte-Negro narra a gloria
A's longiquas Nações d'outro Hemisferio.

Ao mesmo Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

Vós, que nos Gararâpes escabrosos,
A ferrea lança torvos sopezando,
Do Batavo feroz, impio, nefando
Cravar soubestes peitos orgulhosos:

Vós, que expostos a lances ruinosos
Das Tabócas no campo memorando,
Fostes diro Esquadrão desbaratando,
De sangue a terra enchendo bellicosos,

No Excelso Pinto respeitai agora
O vosso General, Mecenas caro,
Em quem a doce Paz, Justiça mora;

E assaz festivos ao Varão preclaro,
Que orna o Solio, e a Patria condecora,
Mil canções entoai em metro raro.

Aos Annos do mesmo Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

ENTREM no sacro Templo da Memoria:
Os Campiões de Marte valorosos,
Adquirão mil louvores espantosos
Dos Titos, Caios na fastosa Historia:

Dos Persicos trofeos a immensa gloria,
Ostentem sobre os carros ruidosos,
Gozem das c'roas, tit'los decorosos
Em premio do valor, e da victoria,

Que o grande Monte-Negro, surpassando
Brilhantes honras dos Heroes Romanos,
De Pallas cinge o Loiro memorando:

E no amor dos feis Pernambucanos
Seu fausto Natalicio celebrando,
Tem estatua maior que a dos Trajanos.

A' Morte do Ex.^{mo} e R.^{mo} Senhor D. Fr.
José Maria de Araujo, Bispo de
Pernambuco.

S O N E T O.

Aqui, Mortaes, em leito pavoroso
Jazem as cinzas do Varão sagrado,
Que altas virtudes tendo praticado,
Deixou o Cinto adusto lacrimoso.

A mão fatal no livro volumoso
Do Sabio tinha a sorte decretado,
Quando escôa no scypho desastrado,
A dose do thebaico ruinoso.

Vós, que vedes o triste monumento,
Capaz de enternecer o jaspe duro,
Alienar o vivo pensamento,

Do Justo lamentai golpe immaturo,
E no meio do agudo sentimento
Rendei o ultimo a Deos a José puro.

Ao Ill.^{mo} Senhor Marechal D. Jorge Eugenio de Locio Seibles, M.^o

S O N E T O.

As leves azas divo Genio abrindo
Do monte desce em vôo acelerado,
E sobre os lares do Paiz tostado
Vem do volatil giro descabindo

Nas mãos vejo que traz do sacro Pindo
Sonoro Tubo, d'oiro marchetado,
E do Varão o nome assignalado,
A' quem projecta dar louvor infindo:

E eis-que aligero pára, e os olhos fita
No Marcio Heroe, Heroe meditabundo,
Esta voz de seu peito ledo agita:

„Teu alto Posto, ó Jorge, inveja o Mundo!“
(Disse) quando já rapido volita
Flores mil esparzindo ao ar jucundo.

A' Morte do mesmo Ill.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

MANES de Locio, que na Elysia Esphera
Tocaes da Eternidade o espaço santo,
Vinde nas azas de celeste encanto
Da Prole arrefecer a magoa austera:

Cercados já da luz, que reverbera
Desse Delubro inmenso, e sacro-santo,
Risonhos enxugai o triste pranto,
Que de amigos leaes o peito altera:

Do Vate removei crebro lamento,
Que a voz lhe embarga, o canto sob'resteja,
Faz esmagar o lugubre instrumento:

Mas olhai que o amor não só deseja
Lenitivo na dôr, e no tormento,
Como a vossa existencia bemfazeja.

Ao mesmo assumpto.

S O N E T O.

TRONCOS d'Olinda, que apinhaes na terra
 Em pranto convertei succo virente,
 A copa, que estendeis reverdescente,
 Cobri de negra côr, que a mente aterra:

Jaspes do Rheno, que empinaes da serra,
 Regorgite de vóz nimia corrente,
 Que mostre o insensivel quanto sente,
 Envolve em si a dôr, que o peito encerra:

As cinzas inundai do Chefe claro,
 Que de Tarena excelso o genio herdára,
 Herdára a gloria, o brilho, o senso raro:

Se a Parca atroz da vida o sequestrara,
 Só teve neste alvitro, e golpe amaro
 O destroço do bem, que alli achara.

Aò mesmo assumpto.

SONETO:

AQUELLE, que palleja em sombra morta,
De Lusos Esquadrões trovão guerreiro,
Da infida Parca o braço carniceiro
Em lustros dezeséis a vida corta:

Aquelle, que venusto então supporta
Cívico pézo de hum Governo inteiro,
Ostenta sempre o rosto prazenteiro,
O Sabio estima, e o Infeliz conforta:

Aquelle, que encôfrou alto conceito
Lá nesses penetraes do Solio Augusto,
Maior acaba em orthodoxo leito:

Aquelle, ó Póvos do Climal adusto,
Do porfido mais puro, e mais perfeito,
Chorosos levantai eterno busto:

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Ceatano Pinto de
Miranda Monte-Negro, Governador, e
Capitão General de Pernambu-
co, etc.

S O N E T O.

VOLITE sobre os tempos a memoria
De hum Anibál, Pompeo, Cezar Augusto,
Alce Lysia gúerreira eterno busto
A esses Coripheos da gram victoria:

Não vogue em menoscabo o nome, e gloria
De Pinto egregio, nunca á Patria injusto,
Que aos grandes Generaes do clima adusto
De typo serve na Brazilia Historia:

O silencio não cubra o terno peito
Do Genio tutelar, do Varão raro,
Que tem de Tito os dons em gráo perfeito:

Não cubra o bem da paz, que o Heróe preclara
No brado das acções, real conceito
Recolhe o fructo, a fama, o prazer caro.

Ao Ill.^{mo} Senhor D. Nuno Eugenio de Loció
Seibles, sendo Juiz de Fôra em Per-
nambuco.

S O N E T O.

SE aprecias os feitos de hum Trajano,
Quando mostra aos mortaes amor, clemencia,
Se adoras na moral a pura essencia
Do mesmo, que te deo bocejo humano:

Se orgulhoso não sendo, impio, e tyranno,
Pensas igual natura, e existencia,
Se buscas immutavel permanencia
Onde do Tempo audaz não voga o danno:

Se te apraz a celeste Orthodoxia,
Do fanatico error desassombrada,
Livre aos toques da negra Hypocresia,

Entra de Themis a habitação sagrada,
Alli de Nuno a imagem, e energia
Verás em alto quadro retratada.

Ao mesmo Ill.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

SE intentas ver o crime expavorido,
 Extincta a vil cabala, a vil sillada,
 Inextricavel lide denodada,
 O dolo vulperino rebatido:

Se intentas ver o genio appetecido
 Da misera Indigenciã exacerbada,
 O Sectario da paz, no Ceo gerada,
 O Bemfeitor, o Pai, o Amigo fido:

Se intentas ver da Patria o Filho raro,
 Que a veia antiga de Varões encerra,
 Onde o Danubio, e Rheno ondeia claro,

Busca a Nuno immortal, que o vicio aterra,
 O Sabio tutelar, Mecenas caro,
 Que he sem duvida o Semi-Deos da terra.

Ao mesmo Ill.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

Vós, Nynfas da Brazilica espessura,
Cantai suavemente em voz canora
Hum egregio Varão, que sabio honora
As pulcras vestes da feliz Pretura:

De Nuno modulai doce ternura,
Que a escaça sorte dos mortaes melhora,
Faz desapparecer mão oppressora,
Descobre quanto em si brilha a natura:

Cantai do peito seu firmeza ingente,
Da Lei, e da Razão sempre escorada,
Jámais á concussão fatal pendente:

Mas vossa melodia he enervada,
Do nobre Heroe grandeza premine
Só deve por Titaneo ser cantada.

A' Despedida do mesmo Ill.^{mo} Senhor.

S O N E T O.

RECOLHA Argos veloz no bojo ingente
 O Brazilio Pretor, á Patria caro,
 Lance em clima feliz o Homem raro,
 Que cumpria entre nós ser permanente:

Leve o Amigo fiel beneficente,
 Da misera indigencia esteio, amparo,
 O Sabio não vena!, egregio, e claro,
 Que recto equilibrou concha luzente:

Sereno Boreas, Noto favorito,
 Onda b'nança do concavo argentado
 O Genio affaguem, que reboja a hum Tito:

Levem-no ao novo Solio decantado,
 Onde impera João, Monarca invicto,
 Que o premio tem a Nuno preparado.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor D. Antonio Manoel de Menezes, Commandante de huma Fragata de S. A. R.

S O N E T O.

Do sagrado Permissão a margem fria
Deixa, Musa gentil, vó a meu lado,
Teu Plectro eburneo, d'oiro marchetado,
Do centro rompa eterna melodia:

Do Chefe, grato á Lusa Monarchia,
Que arrostra audaz a unda Neptunina,
Innatos dons, ideia peregrina
Levem teu canto ao germinal do dia:

Levem dos feitos seus o brilho ingente,
Quando dessecca as lagrimas, que chora
Do barro Damasceno a fragil gente:

E sobre o bronze, que as accões memora,
De Antonio o Nome, aos Evos transcendente,
Tu, Camena fiel, escreve agora.

Ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Caetano Pinto de
 Miranda Monte-Negro, Governador, e
 Capitão General de Pernam-
 buco, etc.

S O N E T O.

REGER prudente a imparcial balança,
 Da cega, recta Deosa justicosa,
 A veneranda face carinhosa
 Mostrar a todos sem menor privança:

Manter na ideia, na feliz lembrança
 O bem, a paz da turma populosa,
 Affagar a virtude preciosa,
 E o vicio expavorir sem mais tardança.

Fataes litigios entre o rico, e o pobre
 Extinguir de huma vez, antes q' os damnos
 O dolo augmente, e a calunnia dobre:

Estas são as acções, Pernambucanos,
 Que ornão de Monte-Negro o peito nobre,
 Este o padrão do Heroe dos Lusitanos,

AO R.^{do} Senhor P. M. Fr. João Baptista
da Purificação, excellente Orador, e
insigne Poeta.

S O N E T O.

CHOFRA nos olhos meus verso cadente,
Que magestoso o fulvo Deos te inspira,
O gosto chofra alli, alli respira
De Elmano o gaz, a vibração polente:

Mais não deve anhelar a sabia gente
Que o som encantador da tua Lyra,
Preza ao mago prazer, procura, aspira
Ao trino teu render encomio ingente:

Inda não fecha alli o apreço, e estima,
Remonta da Oratoría a excelsa Séde,
Vê da facundia a buidora lima:

A natura admira, os dotes mede,
Com que em sôlta frase, e em alta rima
A todos os mortaes Janzino excede.

Ao mesmo Reverendo Senhor, divulgando,
em obsequio do Author versos
excellentissimos.

S O N E T O.

DOIRADO Plectro, em Thebas refundido,
Assome prestes sobre a eburnea Lyra,
A sabia, dextra mão valente fira
Accorde, enerveo fillo destendido:

Do cavo seio o vibro desprendido
Voe ao cume, que a gratidão me inspira,
Leve nas azas a flammante pyra,
Que Amor consagra ao Vate esclarecido:

Engenho raro, metro remarcado,
Qual Roma nunca vio, não vio Athenas.
No som cadente fique propalado:

Empolguem seu louvor rivaes Camenas;
Quanto do amigo Ontanio infortunado
Elle alça o nome, e suavisa as penas.

Ao Reverendo Senhor P. M. José de Goes.

S O N E T O.

DE coruscantes luzes rodeado,
Desce Apollo do bipartido Monte,
De verde loiro traz ornada a fronte,
Na mão o Thetracordo deaurado:

O magestoso carro vem tirado
Por soberbos Frizões, socios d'Etonte,
E o plano certo aonde o Deos desmonte,
Tem o Nuncio de Jove propalado:

Excelso Templo de Maria Santa,
De Neri monumento sumptuoso,
O Nume vê chegar, que a Esphera encanta:

Corre ao vestib'lo o Grei Religioso,
E eis-que Delio em Josino os olhos planta,
Ledo lhe entrega o Plectro sonoro.

A' Morte do mesmo Padre.

S O N E T O.

ALMA feliz, que já no Elysio Assento
 Gozas do premio da virtude ingente,
 Lá desse espaço, aos justos só patente,
 Mostra a par do fulgor real contento:

Mostra a gloria inda além do Firmamento,
 Que te deo a Synderese innocente,
 Quando impões ás paixões dura corrente,
 Macéras o teu ser, do Ceo sedento.

Levaste a palma ao humanal tão rara,
 Vogando em torno a Grei, de Deos acceita,
 Tendo o prazer de silecção tão cara:

A tua sorte foi a mais perfeita,
 Só cumpre á minha dôr, tristeza amara
 Que de hum Numen vá ver-te a mão direita.

Ao Reverendo Senhor P. M. Fr. Miguel
da Natividade.

S O N E T O.

SE houver lá no Porvir Mevio ferino,
Que intente deturpar teu nome, e gloria,
Mostrar que a tua fama he transitoria,
Quando demanda já padrão condino:

Se houver quem, inclinado ao desatino,
De ti almeje conseguir victoria,
Somir teu lustre á perennal memoria,
Movido só da inveja, e humor malino:

Então das margens da Castalia pura
A' sanha oppondo firme apologia,
Quanto cumpre, dirá razão, natura:

Dirá que o sabio gaz, sabia energia,
Que mostras do Licêo á gente escura
Aguarda o canto da immortal Thalia.

Ao Ill.^{mo} Senhor José de Pinho Borges,

S O N E T O.

DISFRUCTA, ó Pinho, a refrigerante aura,
 Que sopra grata na floresta amena,
 D'alegres dias goza em paz serena,
 Sempre affagado da formosa Laura:

Ahi pesquisa se o Alemão restaura
 Soberbos tectos da Imperial Vienna,
 Ou s'esse Heroe, q' os mais Heroes depenna,
 Boiantes barcas contra o Inglez instaura.

Tranquillo dorme, toma chá, passeia,
 Amando os Cysnes da Castalia pura,
 Vê quanto he linda de Garção a veia:

Sóbe ao cûme da fysica ventura,
 Que eu farto da tristeza, que me anceia,
 Por bom só tenho o mal da sepultura.

Ao Ill.^{mo} Senhor Desembargador Francisco
Affonso Ferreira.

S O N E T O.

Do Corinthio perfil, perfil brilhante
Ergue, ó Musa, soberbo monumento,
Alli de Affonso o cargo, e luzimento
Inscreve á força do buril talhante:

Inscreve apóz da Toga roçagante
Do genio excelso o imparcial talento,
Que ás leis do Throno Luso sempre attento
Ministra aos Cidadãos o juz prestante:

Na epigrafe regrava o nome claro
Do Pretor integral, que o Ceo envia,
Caro a Astréa, á Virtude, á Patria caro:

E junto ao pedestal da lagem fria,
Onde diviso a Lyra em desamparo,
Seus feitos alce a tua melodia.

Ao Ill.^{mo} Senhor Bento José da Costa na
 cosumação da nova Matriz.

S O N E T O.

Dos tempos sobre o giro abrilhantado
 Alças teu nome, ó Costa, a mim tão caro,
 Mostras o quadro vivo, extenso, e claro
 De orthodoxo fautor, á Igreja dado:

A rasgos do teu zelo desmarcado
 Alteia a fronte o monumento raro,
 Polido brilha o marmore de Pharo,
 Reluzindo o perfil oiro lavrado:

Da nobre Range, do Canhão, da Egida
 Matisas fausto o pavimento santo,
 He alli de Amphião a Lyra ouvida.

Brazilia Penna traçará teu canto,
 Aos Ceos erguendo a fama enobrecida,
 Já que o metro infeliz não pode tanto.

A' Restauração da Cidade do Porto.

S O N E T O.

Do Gallo infame a decantada treta
Aos pés do Luso braço cahe extincta
A perfídia execranda não requinta,
Que bello quadro para o vil Maneta!

Girou no Ceo do Doiro este Cometa
De sangue tendo a cauda assaz retinta,
E eis-que presagios mil a gente pinta,
Descreve a rota, exposta na gazeta.

Fatal dissolução não antolhava,
Nem o fogo voraz d'alta collina,
Que o feio metheóro rescaldava.

Tanto póde o valor, força divina!
Que onde Napoleão nunca pensava
O destroço encontrou alta ruina.

Ao mesmo assumpto.

S O N E T O.

JUNTO ás margens do caudaloso Doiro
 Em vasto campo, verdejante prado
 Assesta a Legião Maneta ousado,
 Legião, que produz o seu desdoiro:

Defronta a corja vil Luso peloiro
 Em alto colle no canhão socado,
 Transnata fiel povo exacerbado,
 Das ondas não temendo o somidoiro:

Inicia o combate memoravel,
 Cresce o furor, a sanha desabrida,
 Já cahe por terra o Gallo detestavel.

Que mais queres, ó Patria destemida!
 Debellaste o Tyranno abominavel,
 Ficou a tua fama enobrecida.

A Nelson.

S O N E T O.

TROANTES armas do Varão guerreiro,
 Que gelidas Nações tem devastado,
 Não canto agora em metro sublimado,
 A empreza deixo á Vate lisonjeiro:

Nelson canto Britano Heroe inteiro,
 Que do canhão no vacuo horrorisado
 Sorve as vidas do povo combinado,
 As quilhas sorve em naumachal fogueiro.

Seu egregio valor laurel eterno,
 Ganhado pelas mãos d'ardente sanha,
 Temida quasi até no mesmo Averno.

Canto, mortaes; e tu, ó Gallia, e Hespanha,
 Depois de minorar teu odio interno,
 Canta delle tambem força tamanha.

Ao Arquiduque Carlos:

S O N E T O.

PHALANGES mil Napoleão guerreiro
 Altivo apresta contra o Austro forte,
 Rapido marcha, não temendo a morte,
 O combate apresenta sobranceiro.

Archiduque rival, Mavorte inteiro
 Da mente saca o triunfal resorte,
 E eis-que impavido arrostra, o fatal corte
 Desfeicha contra o Corso aventureiro.

De raiva espuma o Monstro sanguinoso,
 Ouriça as jubas, e o sobrolho enruga,
 Quando já balda a sanha furioso:

Urros exhalla, e a bilis-atra enxuga,
 Depois que exagitado, e temeroso
 A Ilha busca com apressada fuga.

A hum Candidato de Latinidade.

S O N E T O.

Tu, que annos pueris gozas contente,
Já d'Aguia perspicaz vãos formando,
De Pereira preceitos propalando,
Não assumas pavor, entona a frente.

Do Author Guicno a locução corrente,
Do Mundo divos feitos memorando,
A perfeita regencia ora levando,
Firma as noções do Preceptor ingente.

Abre os diques do Tybre crystalino,
Do Cezareo licor enriquecido,
Que nas almas infiltra o dom divino:

Do Lacio deixa o liquido exaurido,
E a par do Mantuano, e Venusino
Logra a fama, o renome esclarecido.

A' Progenitora de Napoleão.

S O N E T O.

MALDITA seja a Mãi, que em fatal hora
 A' luz do Mundo deo Corso sanguento,
 De vermes roedores cento a cento
 Calado veja o corpo sem demora:

De barbaro assassino a mão traidora
 Saque do peito seu extremo alento,
 Tigre Ayrcano, feroz, sanguinolento
 Dilacere a Megera, a vil Caipora:

De males inauditos rodeada,
 Suspiros exhallando noite, e dia,
 Sinta a propria existencia em si pesada:

Sepultura lhe negue a terra fria,
 Já que teve a placenta tão manchada,
 Que da França nutrio a fera impia.

Ao Monarcha d'Inglaterra.

S O N E T O.

Do Grande Rei, que sobre os Reis impera
 Lá de Nereo no vasto campo undoso,
 Decanto a intrepidez, valor famoso,
 Que assoma além da Gangetal Esfera:

Da sanha sua o fogo reverbera
 Contra o Monstro da França sanguinosa,
 Alça os ferreos canhões, e valoroso
 Entre os Póvos do Mundo terror gera:

Junca de lenhos mil o pego salso,
 A Ulysea gentil prestes suffraga,
 Expurga a Iberia do Corsino falso:

Entra a Batavia, que Luiz estraga,
 A palma reportou, e o grão realso,
 Já deixa extincta a Gallicana praga.

Aos Annos de hum Amigo.

S O N E T O.

Do grande Homero, grande Venusino
Não tenho a Lyra, d'oiro marchetada,
Nem d'amarantho, e tyrso a frente ornada,
Qual teve Boaló, Camões divino:

Não libei d'Aganipe o licor fino,
Que a mente agita, torna sublimada,
Nem me lembro tocar falda escarpada
Do bipartido Monte, d'outros dino:

Humilde minha Musa escurecida,
Tégora nunca ouvida entre os humanos,
Altos vôos não tenta presumida:

Cantar deve; mas ah! fados tyrannos!
Que não póde cantar agradecida
Teus raros dotes, teus felices annos.

A' Morte.

S O N E T O.

INEXORAVEL sou, sou a Tyranna,
 Que golpeia os mortaes em toda a idade,
 A Precursora sou da Eternidade,
 Ninguem resiste á minha furia insana:

Sou da existencia Arbitra soberana,
 Colloco o throno meu na impiedade,
 Dos Monarchas concalco a Magestade,
 Os Pastores derribo na cabana:

Sou quem nos cadafalços, brandos leitos
 Feroz derrama o sangue dos humanos,
 Rasga sãnhuda os delicados peitos:

A Parca sou, que causa tantos damnos,
 Tu, que vês meu poder, meus tristes feitos,
 Segue a virtude, e deixa os vãos enganos,

Ao Reverendo Senhor Francisco Ferreira Barreto em agradecimento de hum optimo Soneto em applauso do Author.

S O N E T O.

EIS hum novo Camões, novo Bocage
A' sombra de outro Ceo, Polar tostado,
Que affeito ao vibro, ao estro inuzitado
Seu nome estampa na esculpida lage:

Eis o Cysne immortal d'alta plummage,
Grandivo florejando o som trinado,
Sobre as azas fulcindo o gaz sagrado,
Que aos Maros deo a divinal potage:

Eis o Vate, o Cantor alti-facundo,
Que levantando o véo ao genio raro,
Maior que o seu Heroe voga profundo:

Eis Francino, o Modelo, o Typo claro,
Que devem remirar no vasto mundo
Os Cultores de Apollo egregio, e caro.

Ao Reverendo Senhor Fr. João Baptista da
Purificação, Lente de Theologia
Dogmatica.

S O N E T O,

SE intentas, Musa inculta, eterna fama
A par do Mantuano, e Venusino,
Ao Vate, que medita alto destino,
Do loiro pede a vicejante rama:

A maga Lyra, que os leões açama,
Qual outra de Amphião, Orpheo divino,
Das mãos lhe rouba, rouba-lhe o estro fino,
Que do Deos Cynthio reverbera a flamma:

Do torno polidor, da lima rara
Adquire o lustre, o brilho rutilante,
Que a face tua torne aos Mortaes cara:

O preço então terás do diamante,
E nas azas da Deosa assaz preclara
Ao corte escaparás do Zoilo errante.

Ao mesmo Reverendo Senhor.

S O N E T O.

MUSAS loičãs, que matizaes festivas
 A selva amena do entonado Monte,
 Ao grato Cysne da Heliconea fonte
 Rendei perennes sons, eternos vivas:

Fazei que o Vate das Canções Argivas,
 Ao carro suba do fogoso Etonte,
 Mostre, qual Delio, a laureada fronte
 Do novo Mundo ás regiões ustivas:

Do Numen goze remontado assento,
 Goze de Achates tubo recamado,
 Que no Córso suscita alto, concento:

Seja de vós seu Metro idolatrado,
 E dentro do pasmoso monumento
 O nome do Cantor deixai gravado.

A hum Professor de Eloquencia.

S O N E T O.

Não mais dedilhe o Plectro sonoro
Esse Esmyrneo Varão, Sabio profundo,
O Mantuano cale o som facundo,
Que da terra enche o ambito espaçoso:

Do Gama excelso o Vate portentoso,
Que vio do Ganges o argentado fundo,
Esconda o Metro seu alti-jucundo
Egregia fama, o nome venturoso.

Cantor d'estro maior, mais peregrino,
Que tem Permissão liquido exhaustado,
Em Templo eterno canta alto destino:

Sobre os Tassos assoma arrebatado,
E na canora voz, fogo divino
A Delio deixa Lima extaseado.

A huma Personagem, de quem o Author
buscava impetrar certo obsequio.

S O N E T O.

HEROE não he no Mundo o mais famoso
O que altivas Phalan·es desbarata,
Que inpavido atropella, fere, e mata
O bravo Scytha, o Partha sanguinoso:

Adquire maior fama o que piedoso
Das desgraças fataes o curso empata,
Que préza o Infeliz, grillhões desata
Ao misero Innocente lacrimoso:

Destes feitos, Josino sublimado,
Se compõe teu robusto monumento
Mais firme que o de Memphis decantado.

Tu do Mundo serás raro portento,
A meta da Virtude tens tocado,
Se ao Vate dás antigo luzimento.

A Napoleão.

S O N E T O.

EMBORA acabe o Chefe dos Tyrannos,
O Monstro da ambição, horror da gente,
Caco infame, de Machavel parente,
Execravel Motor de tantos damnos:

Acabe ás mãos dos Póvos Lusitanos,
Póvos de peito d'aço, sanha ardente,
Que em toda a idade o braço prepotente
Fizerão reluzir entre os humanos:

Morra da altiva França o vil Guerreiro,
Desça ao centro fatal da Estige impura,
Pague a pena de Nero carniceiro:

E na campa de tosca sepultura
Lavre a mão do Rancor este letreiro:
„Aqui jaz o Ladrão d'alta ventura.”

Ao Bom Jesus.

S O N E T O.

DEIXA correr dos olhos, peccador,
Lagrimas mil de eterna compunção,
Repasse de huma vez teu coração
O estrago, que assalta ao Redemptor:

Recogita de hum Deos sobejo amor,
Depois da culpa do infeliz Adão,
Quando salva da Estigia escuridão
Apoz da infecta próle o seu author.

Olha o Isaac Divino a gottejar
Livido sangue á força do poder,
Que tenta o corpo seu anniquilar:

Por ti se abalançou a padecer,
Querendo só teus crimes expiar,
Para dos bens do Ceo te enriquecer.

A' Virgem Senhora Nossa.

S O N E T O.

Do Filho, geração do Omnipotente,
Do sacro-santo ser, ser humanado
Choras, ó Mãi, o trance impiedado,
A perda chora, Virgem innocente:

Dá-te pena o Cordeiro paciente,
De cruentas feridas retalhado,
No Golgatha fatal crucificado
A's sacrilegas mãos de ingrata gente:

E apar de Vós sustenho o meu lamento,
Quando sou em Adão vil assassino,
Que ainda agora renovo o seu tormento?

Ai de mim! que transtorno o meu destino,
Se não unir ao vosso sentimento
De magoa maior força, Amor Divino!

A Christo Crucificado.

S O N E T O.

DAQUELLE sacro Lenho levantado
Vês o Author da vida estar pendente,
Em muda voz dizendo a toda gente
Que foi por te salvar nelle encravado:

A' vista do tormento impiedado,
Que constante soffreo humildemente,
Como jazes na culpa renitente
Deste Divino Amor tão deslembrado?

Não te commove o peito endurecido
Ver correr do seu lado, pés, e braços
O mesmo sangue, que te tem remido?

Pensa melhor, Mortal, emenda os passos;
Já que vez a Jesus por ti ferido,
Teu duro coração faz em pedaços.

Ao Archiduque Carlos.

S O N E T O.

DA Gallia o Campção altivo, e ousado,
Que intenta escravisar o lato mundo,
Do bellicoso Carlos furibundo
Sente o estrago fatal inopinado:

Lá no centro da Ilha acantonado,
Onde divisa só o lodo immundo,
Os planos sob'reteja, e gemebundo
Da Parca espera o golpe desastrado:

Que grã methamorfoze, não prevista,
Assoma sobre o Corso desabrido,
Que das Nações da terra he Cabalista!

Triunfou por momentos aguerrido,
Hoje infeliz o Phocas Atheista
Já vê de si o Deos desconhecido.

A Napoleão:

S O N E T O.

DEBaixo desta liza campã fria,
 Desgraçada mansão da humanidade,
 Jaz o Monstro maior da impiedade
 O epilogo real da tyrannia:

Do caduco egoismo a vã mania,
 Motora da ambição, rapacidade,
 Reduzio o Cruel a tal maldade,
 Que dos Póvos o sangue só queria:

Findou cruenta sêde na estreiteza
 Do cavernoso seio, que horrorisa
 Essa mesma porção da natureza:

Poz ao renome seu negra divisa:
 „Napoleão, o Grande na fereza,
 „Que, vomitando sanha, finalisa.

Ao Reverendo Senhor P. M. Fr. João Baptista da Purificação.

S O N E T O.

EXALCE outro Cantor Heroe guerreiro,
 Que a desgrenhada Iberia rompe, e escala,
 Memore as forças da prepotente ala,
 Louve a trama do Nero carniceiro:

Do gelido Albião, do Nauta inteiro,
 Que de Nereo no seio o Corso entala,
 Alce o ferreo canhão, que ao longe estala,
 Fuma nas mãos do habil Artilheiro,

Que cu de ideas mais pulchras agitado,
 A bellicosos feitos postergando,
 Não elevo heroismo impiedado:

Só teus versos, Janzino, decantando,
 Sinto o doce prazer, nunca libado
 Do sanguinoso Marte, e Vulgo infando.

SONETO.

RECORTE d'Amphitrite o campo undoso
 Impavido Albião, audaz, temido,
 Leve os bronzes canhões enfurecido
 Além do Hydaspes, do Indo murmuroso:

Da Gallia o Tamerlão sedicioso
 O throno deixe sobre o sangue erguido,
 Entregue aos Evos genio desabrido,
 O peito doble, em crimes horroroso,

Que eu debaixo do Capricorneo adusto
 Do Mundo despresando a torpe gloria
 A suppostos Heroes não ergo o busto:

Tranquillo só retenho na memoria
 O Homem virtuoso, o Varão justo,
 Tudo o mais para mim he peta, historia.

Ao Reverendo Senhor José Agostinho de
Macedo pela original composição
do Poema, denominado o
Oriente.

S O N E T O.

SOLTA da Lyra d'oiro o som divino
Tu, Macedo, Immortal, no Ceo, na Terra,
Teu Estro creador de mim desterra
Cuidados, que encadeia o meu destino:

Em ti recordo o gaz do Venusino,
Que do grandivo Epódon nunca aberra,
No Monte excelso a tua Musa afferra
Tope Aonio de bisso superfino:

Não attentas alli mais firme gloria
Que o Apollineo estridor de nobre accento,
E teu Nome deixar na Lusa Historia:

Queres alçar Pierio monumento,
Que dure dos humanos na memoria,
Sendo d'alta Ulyssea alto portento.

A Napoleão.

S O N E T O.

DESSE Guerreiro vil, que a França infama
 Termine o lustre, a gloria desmarcada,
 Dos feitos da grandeza sublimada
 Não mais conserve a primitiva fama:

Deponha de huma vez a subtil trama
 No fundo do Cocyto procreada,
 Do Phocas gema a sanha contrastada,
 Ceda ao triumpho do Hispano, que brama:

Em damno seu revolte a louca empreza,
 Austriaco Esquadrão passos promova,
 Troveje de Moscow a grã fereza:

Britannico Nereo peloiros chova,
 Igneos raios da protecção Franceza
 Sobre o Monstro fatal Jupiter mova.

S O N E T O.

PROCURE, quem lhe apraz, do Mundo a gloria
Rodar em altos carros estrondantes,
Vestir soberbas telas roçagantes,
Deixar de lautas mezas a memoria:

Feliz engrosse as paginas da Historia,
Farto d'oiro, polidos diamantes,
Alrote mil empregos relevantes,
Ganhe os loiros no campo da victoria,

Que eu estultas vaidades postergando,
Transposto além do exicial orgulho
Não curo de poder impio, e nefando:

Desprezo da grandeza o vil barulho,
Busco só ir a vida sustentando,
Liberto da intriga ao fatuo arrulho,

A's Nações Alliadas contra Napoleão.

S O N E T O.

Não mais rescalda a minha alegre ideia
 O ferreo Obuz do falso Corso impio,
 Nem de sangue espalhado o livor frio
 Sobre as agoas do Sena purpleia:

De huma vez amornou Furia Lerneia,
 Que usurpava aos mortaes o vital fio,
 Cede á força troaz, busca o desvio
 Dos Regios Penetraes, que a luz rodeia:

Eis-que a par das Nações alçando a frente,
 E dos trofeos firmando alto estandarte,
 Já mostra o bem em jubilo fervente.

Quadro maior em brilhantismo, em arte
 Não podem offertar á humana gente
 Alliados Heroes, Peitos de Marte.

SONETO.

NÃO sou de ideias inventor fecundo,
 Nem Marcio Campeão de Regio estado,
 Nunca empunhei alfange açacalado
 Contra os humanos do enrascado Mundo:

Politico não sou, habil, profundo,
 Que esmague os planos do Inpostor malvado,
 Nem votei no Conselho illuminado,
 Que salva o Rei do Tygre furibundo:

Inculto Vate sou; mas sobranceiro
 Aos successos fataes da Sorte escura,
 Não temo hoje Napoleão guerreiro:

Temo o Arbitro Real de essencia pura,
 Que a esse Corsego, infame aventureiro,
 Póde levar de rojo á terra dura.

A Napoleão.

S O N E T O.

L A' vai da Europa o vil desolador
Nóvos crimes em Elba perpetrar,
Vai alli seu imperio renovar
Entre Lupim, Derviche pescador:

A força dimitto nobre fulgor,
Que do throno sentia radiar,
E eis-que o Mundo procura conquistar,
Aborta a empreza vã, perde o furor:

Decahio sobre as armas huma vez,
Não mais segura a grande mole, e o gaz,
Os planos, que traçou, prestes desfez:

Nada mais resta ao seu valor audaz
Que o despir-se da malha, e duro arnez
Vestir pardo gabão de rabo atraz.

Ao R.^{do} Senhor P. M. Fr. João Baptista
da Purificação.

S O N E T O.

DEIXA que banhe o peito, ó grão Janzino,
Prazer immenso, gloria permanente,
O teu canto extasia a humana gente,
He o canto do Cysne Venusino:

Das Camenas gentís coro Divino
Alterna em louvor teu o som cadente,
O mesmo Delio, jovial, contente
Ad'ressa a loa, o sustinido, e trino:

O metro, que ennobrece a tua Lyra,
Qual o d'Elmano pulcro, á Patria caro,
Facundo a eternidade já respira:

Vai plantar junto ao Vate egregio, e claro,
Que nos fastos de Esmyrna nunca expira,
Teu nome, grato ao marmore de Pharo.

Ao Imperador da Russia.

S O N E T O.

SE o Grande Macedonio, profligando
De Dario infeliz a brava gente,
Mostrou ao Mundo o braço prepotente,
O firme peito, sanha respirando:

Se o Grande Cezar, campos devastando,
Prostrou muralhas com valor ingente,
Phalanges destruiu forte, e valente,
O nome de guerreiro sustentando:

Feitos maiores de asserção notoria
Tem Alexandre Russo perpetrado,
Que descriptos serão em longa historia:

Venceo da França o Campeão ousado;
Oh! que excelso prazer! Que excelsa gloria!
Mais não precisa para ser cantado.

A' Victoria dos Lusitanos contra os Francezes.

S O N E T O.

DA Gallia desenvolta a doble gente
 A' sanha de Silveira affrouxa, e cede,
 O vil Massena imbelle retrocede,
 Sobre o bruto já vôa impaciente:

Cahe nas mãos do Britanno providente
 O infame Junot, que a Lysia fede,
 Immortal Wellesley dalli despede
 Esse Galã rival belli-fervente:

Eis-que o Boreas fatal enriça o crino,
 Sahe do antro voraz o Noto altivo,
 Açoita o lenho, muda o seu destino:

Lá vai parar o Filho putativo
 Do grão Napoleão, raptor indino,
 A's Africanas praias memivivo.

Ao Reverendo Senhor P. M. Fr. João Baptista da Purificação.

S O N E T O.

No vasto imperio desse Deos terrivel,
Quando revolve o centro, o pego, a unda
O teu Estro immortal meu throno funda,
Dá-me a c'roa de loiro immarcessivel:

Mostras o Nume ao jubilo accessivel,
Eis-que apercebe a minha voz jucunda;
Mas não olhas que alli turba fecunda
O paradoxo audaz julga punivel:

E'mula ao vibro, que amor teu boceja,
Perante a Divindade assoma irada,
Vingança pede, o damno teu deseja:

Acalma pois a chusma delicada,
Não queiras entre o sexo, que moteja,
Deixar a tua fama deslisada.

Ao mesmo Reverendo Senhor.

S O N E T O .

OZOILO detractor, Dragão malino,
 Debalde dilacera a nossa fama,
 Intenta anihilar a verde rama,
 Que para nós creou Cynthio Divino:

Inda que aguça o dente viperino,
 Vomita o virus, insidia, e brama,
 Jámais alcançará da mordaz trama
 Deslustre, á que se oppõe nosso destino:

O loiro, que já temos reportado,
 Murcho nunca será em larga idade,
 Assim o Nume tem já decretado.

O Bavio nos verá na eternidade,
 A ti do Cothurnal sempre calçado,
 A mim do Sóco, typo da humildade.

Ao mesmo Reverendo Senhor.

S O N E T O.

QUANDO empolgas feliz a eburnea Lyra,
 A's mãos de Pope excelso levigada,
 Dás ao meu ser ledice immensurada,
 Ledice, que de amor transluz na pira:

O som encantador, que ella respira,
 Açama, doma a fera exacerbada,
 A dura penha torna electrizada,
 Anima o tronco, que já murcho expira:

Revoca os genios d'alta jerarquia
 A tuba do louvor, louvor festivo,
 Feudo devido á magica harmonia:

Induz ao vibro meu serpejo activo,
 Desparzindo de si tanta eufonia,
 Qual nunca desparzio o Plectro Argivo.

Aos Anthagonistas do meu Estro.

S O N E T O.

AFFEITA aos quadros, que compõe, ó Musa,
 Não transcendas a meta da natura,
 Nizo mais alto, mais alta volatura
 Ao Cysne só compete de Venusa:

Não penses que outra rima mais diffusa,
 Prenhe d'estrophes, teu louvor segura,
 Tambem em loco estreito a linfa pura
 Deixa correr a limpida Arethuza:

Redobra a enchente Aonia, e o excelso trino,
 E'mulo sempre á rustica manada,
 Que abocanha cruel teu som Divino:

Menoscaba dalli setta farpada,
 Que onde reluz teu metro peregrino,
 Jámais refulge a Ode sublinada.

JANSINO A ONTANIO,

O D E.

Cabia teu louvor de Esmyrna ao Vate:
Só nelle ha verso, que te iguale a fama:

Bocag. Epist. 5. Tom. 3°.

DEOSAS do Pyndo, placidas Camenas,
Que promptas florejaes-me a branda rima,
Cedei-me a Lyra eterna,
Que ao Luso Cysne destes,
Porá ao som modular dos aureos fios
O grato nome do Cantor Divino.

Flammifero vapor nas debeis fibras,
Serpeando embelleze o frouxo alento

De hum estro entorpecido:

Sõe em meu rouco peito

A linguagem Febea, a voz dos Numes
Troveje nas canções, que sagro ao Vate.

Não fito as vistas da ambição grosseira
 Nos amplos cofres, que a Fortuna encinta,
 Meu genio não se afana
 Pelo vil interesse,
 A candida amizade he quem só tenta
 Do pobre alvergue requintar-me o vôo.

Transposto ao cume do Heliconeo monte
 O sabio Ontanio, cuja fronte excelsa
 Crystalisa a corrente
 Da limpida Hypocrene,
 Cinge o loiro, no Menalo cortado
 Por mãos das Graças, que lhe fervem n'alma.

Faisca o Metro, que se estende aos Evos,
 Ao tardio Porvir com gloria tanta,
 Que a Gigantea Diva,
 Deslisando as areias
 De remotas Nações, fará que echôe
 No brado universal, que vota em premio.

Tão galante expressão, tão linda fraze
 Não doira os versos, que adorára Esmyrna
 Ness'Aguia do Permesse,
 Por quem o Macedonio
 Entre Marcias Phalanges suspirando,
 A sorte almeja do guerreiro Achilles.

Aprosada invenção, que o gosto espanca,
 Não lhe rouqueja o Canto sonoro,
 Assombrosa harmonia
 Lhe ameiga a voz canora,
 Ideias immortaes concebe a mente
 Nos floeos quadros, que o Universo admira.

Não mais, Musas não mais; guardai-me a Lyra,
 Que de aljofar me destes enfeitada
 Para louvar d'Ontanio
 O nome venturoso,
 Entalhado por vós em jaspe fino
 A par do Mantuano, e Venusino.

Esta pequena Ode foi-me enviada pelo Reverendo Senhor Padre Mestre Fr. João Baptista da Purificação, Religioso da Provincia de Santo Antonio do Brazil; e como prézo os avultados talentos deste Amigo sempre leal, e honrador, o não quiz roubar aos applausos, de que se faz credor este energico producto da sua imaginação, que, apezar da rapidez, com que foi concebido, conserva huma hamonia tão regular, e ajustada, que não deixa duvidar da natureza, e genio do seu Author. Não deverá motejar-me o Leitor por vulgarisar os elogios, que me rende hum coração sincero, huma vez que se recorde de que Bocage, Quita, Medina, e outros praticarão o mesmo.

Abreu.

Agradecida intenção, que o gesto expone,
 Não lhe roupa o santo amor,
 Assim os harmonia
 The amica a voz canora,
 Theis intencões e nobres mentes
 Nos flores gestos, que o universo admira.

Não mais, Meus não mais guardei-me a Lyra,
 Que de alçar me deites enleada
 Para louvar d'Oratório
 O nome venturoso,
 Entalhado por vós em jaspe fino
 A par do Plantano e Venturoso.

Esta pequena Ode foi-me enviada pelo
 Reverendo Senhor Padre Mestre Fr. João
 Baptista de Pariseiro, Religioso do Pro-
 vincia de Santo Antonio de Brazil, e como
 pedia os estudos feitos deste Amigo seu-
 que seja e honrado, e não que se tenha aos
 trabalhos de que se faz creder que enge-
 co plumeo de sua imaginação, que apertar
 da rapidez com que foi concebido, e com
 hanc harmonia tão regular e ajustada, que
 não deixa dividir da natureza, e genio do
 seu Author. Não devei poter-me o Lector
 por vulgarisar os elogios, que me rende hum
 coturno sincero, haure vez que se recorde de
 que foyce, Quis, Medina, e outros piraes-
 mo o mesmo.

Alta.

